OPOSIÇÃO

Virgílio defende diálogo com governo

Para senador, busca de agenda de interesses comuns justifica a reaproximação

DANIEL PEREIRA E TINA VIEIRA
BRASÍLIA

Divulgação

Virgílio: o mesmo com mudanças impostas pelo tempo

Uma hora e dez minutos de conversa, no vôo entre Três Lagoas e Brasília, foram suficientes para o líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), voltar às boas com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Apesar das críticas por ter aceitado carona no avião presidencial, o maior e mais duro crítico do governo Lula admite: está feliz de restabelecer relações com o presidente.

"Eu sou o mesmo com as mudanças que o tempo impõe em mim", diz Arthur Virgílio.

A reaproximação não significa que o senador está disposto a abandonar a crítica feroz, sempre que julgar necessário. Mesmo assim, defende o diálogo entre oposição e governo em torno de uma agenda de interesse do país.

"Se o presidente Lula quiser meramente a foto, será um gesto bobo. Se ele fizer mais do que a foto, não vejo como dizer não à conversa", acrescenta um dos porta-vozes da oposição.

Gazeta Mercantil - *O senhor acha que desempenhou o papel do inocente inútil que o ex-presidente Fernando Henrique tinha reservado ao governador Aécio Neves?*
Arthur Virgílio - Nem inocente, nem inocente útil, muito menos inocente inútil. Eu apenas viajei com o presidente por cortesia. Não vejo como algum tucano possa se recusar a isso. Foi uma conversa bastante agradável. O presidente fez questão de dizer: toda proposta que vou fazer a vocês, de diálogo, não influencia, e nem poderia ser diferente, a luta de oposição de vocês, o trabalho fiscalizador de vocês.

> **"Nós não perdemos se o Brasil for para a frente, porque não perde aquele que tem São Paulo e o Rio Grande do Sul nas mãos"**

Gazeta Mercantil - *Então para o senhor ficou claro que a oposição tem que sentar à mesa para debater com o presidente?*
Virgílio - O presidente Fernando Henrique disse bem: as pedras brancas estão com ele. Se o presidente Lula quiser meramente a foto, será um gesto bobo. Se ele fizer mais do que a foto, não vejo como a gente vai dizer não à conversa sobre tópicos de uma ação de governo. Então vamos lá: corrupção – nem pensar em perdoar nada para trás, nem no presente, nem para a frente. Equívoco administrativo, nem pensar em perdoar.

Gazeta Mercantil - *O senhor falou muito em interação. Chamados a dialogar, que propostas concretas a oposição tem para apresentar?*
Virgílio - Quem tem que fazer a proposta inicial é o presidente. A interação começa aí.

Gazeta Mercantil - *O senhor acha que a patrulha que o senhor sofreu nesse episódio do avião deveu-se ao fato de ter sido um crítico voraz...*
Virgílio - Mas eu sou crítico, crítico duro de um governo que é ineficaz. Não mudou exatamente nada. Não vou reagir bem diante de fatos de corrupção, não vou reagir bem diante de inércia administrativa, não vou reagir bem quando o presidente conversa e demonstra boas intenções, depois volta para as piadinhas, nas suas inaugurações ou nas seus lançamentos de pedras fundamentais. Isso tudo só faz complicar a situação.

Gazeta Mercantil - *E no PFL?*
Virgílio - Não sei...

Gazeta Mercantil - *Nesse encontro com o presidente Lula o senhor chegou a dizer "Não removo uma vírgula de todas as críticas...*
Virgílio - Não precisou isso. Ele próprio disse. Vocês são oposição, têm que ser oposição. Ele até brincou comigo que o estado que ele foi mais votado foi o meu. E ele disse: "Te bati muito na eleição?" Eu disse: "O senhor bateu menos do que eu te bati em quatro anos, seguramente." E quero registrar aqui uma coisa: o presidente Lula tem que aprender a ouvir de mim as coisas mais duras quando eu tiver que dizê-las. Tem que ouvir de mim também, por intermédio desta entrevista, que fiquei feliz de restabelecer relações pessoais com ele. Eu não falava com o presidente Lula desde julho de 2003. Esse último encontro foi cordialíssimo. De lá pra cá, claro que azedou. Ele seria um cara anormal se ele gostasse de ouvir o que eu dizia dele. E eu seria um cara anormal se dissesse: "Puxa, não mudou nada do Lula que acompanhei quando ele foi processado por Lei de Segurança Nacional".

Gazeta Mercantil - *O presidente Lula teve 83% dos votos no Amazonas e o senhor, pouco mais de 3% na disputa pelo governo. Qual foi o recado das urnas neste caso?*
Virgílio - Foi no governo dele que foram prorrogados os incentivos fiscais da Zona Franca de Manaus. Com a nossa interação, mas ficou no imaginário popular que foi ele que fez. O mesmo aconteceu com o gasoduto. O Amazonas acha que deve isso ao Lula. Ou seja, o presidente, neste momento, está com tudo e não está prosa. Não era assim antes. Cumpri um trabalho partidário lá. Tinha essa figura simbólica que o Lula é para o Amazonas, contra mim, sendo eu um figura do anti-Lula. O Amazonas tem o direito de continuar julgando o Lula como achar que deve e tem o direito de me julgar como achar que deve, também.

Gazeta Mercantil - *Durante a eleição, a oposição ficou entre a razão e a eleição, e optou pela eleição, porque o candidato Geraldo Alckmin, em momento algum, apresentou claramente o remédio amargo para resolver os problemas do país? Como vai se dar isso agora?*
Virgílio - Eu faria a divisão assim: o Lula fugiu do tema e o Geraldo foi tímido. Falou que precisava fazer reforma da previdência, coisa que o Lula falou que não precisava.

Gazeta Mercantil - *E ele insiste que não precisa...*
Virgílio - Não sei como. Ou o Lula abre mão dos 5%, ou se conforma com o modelo mexicano, de inflação baixa, crescimento baixo. Não se consegue um crescimento efetivo sem mexer profundamente nas estruturas que estão aí, a começar pela estrutura de gastos públicos e não é possível fugir da questão da reforma da previdência. O Lula ainda não sinalizou claramente algo que salta aos meus olhos, que depois da gastança e da farra fiscal, 2007 é ano de contenção. Sob pena de não cumprir o superávit primário.

Gazeta Mercantil - *Quais são as propostas que segundo a oposição deveriam constar da agenda de discussão com o governo Lula?*
Virgílio - Se ele efetivamente nos chamar e as coisas estiverem postas para uma conversa, nós vamos ver aí as nossas diferenças. Eu tenho alguns pontos de agenda que não sei se o presidente é capaz de avançar sobre eles. Primeiro ponto é a questão ética. Não podemos dialogar com um governo que não demonstre nitidamente o compromisso de não permitir que se repita o que humilhou o país ao longo desses episódios que foram dissecados pelas CPIs. Repassar para os estados a integralidade dos recursos da Cide e também as concessões de rodovias para fins de privatização ou PPPs. Reforma política. Limite de gastos: nós queremos estabelecer nas leis orçamentárias limite de gastos com cargos comissionados. Não concordamos com os dispositivos da Lei de Diretrizes Orçamentárias que permitem a aplicação de duodécimos para o orçamento de investimento do orçamento do ano que vem. No orçamento, contemplar recursos da Lei Kandir para atender aos governadores, para evitar que eles fiquem pedindo dinheiro o ano inteiro e o presidente com poder de barganha nas mãos.

Gazeta Mercantil - *O PFL está sendo retrógrado ao se negar a debater abertamente com Lula e irresponsável ao tentar patrocinar aumentos como o 13º do Bolsa Família?*
Virgílio - Não digo que esteja sendo irresponsável nem digo que o PFL tenha sinalizado que vá se recusar a conversar com o presidente Lula. O que ouço dos seus líderes é que eles precisam de uma sinalização de agenda. E ouço alguns dizerem que a negociação teria que ser no Congresso. Enfim, se tiver que resolver os problemas só no Congresso brasileiro, ótimo. Se tiver que resolver no gramado ali em frente, ótimo. Quero resolver os problemas brasileiros, não me elegi senador da República para não resolver os problemas brasileiros.

> **"O Lula fugiu do tema e o Geraldo foi tímido. Falou que precisava fazer reforma da previdência; o Lula falou que não precisava"**

Gazeta Mercantil - *Digamos que a agenda proposta pelo presidente Lula caminhe e dê certo. Isso seria muito ruim para a oposição?*
Virgílio - Não vejo que as coisas rendam tanto no curto prazo assim. Adoraria até que elas fossem ruins para a oposição, e que rendessem no curto prazo de modo a que eu, digamos, derrotado, e, quem sabe, fora da política, pudesse ser assim, um pai de filhos, com futuro garantido, num país sem tantas agruras. Nós não perdemos se o Brasil for para a frente, porque não perde aquele que tem São Paulo nas mãos, não perde aquele que governa o Rio Grande do Sul. Não perde quem tem mil prefeitos, não perde quem tem a tradição de disputar na cabeça as eleições presidenciais. O PSDB é mais jovem do que o PT e já governou o país duas vezes. E o PT vai só agora para o seu segundo mandato.

Gazeta Mercantil - *O senhor acha que o presidente do PSDB, Tasso Jereissatti, está preparado para dialogar com o governo?*
Virgílio - Se chamar, não tem como não ir. E não quer conversa fiada. Quer mesmo conversa prática.